

MARIA DA ASCENSÃO GONÇALVES CARVALHO RODRIGUES, *CANCIONEIRO [DA] COVA DA BEIRA*, III: *CANÇÕES NARRATIVAS, OUTROS GÊNEROS POÉTICOS E ADENDA AO ROMANCEIRO*, NOTAÇÃO MUSICAL DO PE. DR. MANUEL FRANCISCO DOMINGOS, PREFÁCIO DO PROF. DOUTOR PERE FERRÉ, COVILHÃ, EDIÇÃO DA AUTORA, 1999

*Maria Aliete Dorés Galhoz\**

É este o III volume de uma recolha atenta e persistente, iniciada em 1965, cuja contribuição valiosa, nomeadamente na área do romanceiro, é posta em relevo nas palavras do Prefaciador. De facto, como sublinha o Prof. Pere Ferré, a colecção publicada por Maria da Ascensão Rodrigues no II vol. desta obra (o do *Romanceiro*) é de 133 romances,

mas, para além do número de versões, destaco o amplo temário por ela recolhido. São 25 os diferentes romances por ela divulgados trabalhando apenas numa pequena parcela desta região administrativa, isto é, 62,5% da totalidade dos temas conhecidos em todo o distrito.

Ainda referindo o romanceiro (acrescentado neste III vol. como uma “Adenda”, em que figuram mais seis romances), o Prefaciador faz jus ao pecúlio registado e posto à nossa disposição por Maria da Ascensão Rodrigues, juntando-lhe uma “Bibliografia”, que só do seu arquivo de maior especialista, em Portugal, do Romanceiro poderia sair. Além do interesse próprio da matéria presente neste volume, tal bibliografia (que inclui 31 entradas) torna a obra auxiliar indispensável para quem pesquise ou colecte na área do Romanceiro do distrito de Castelo Branco. Com efeito, tal é expressamente desejado na nota de rodapé que, sobre a referida bibliografia, afirma:

Para que possa servir de estímulo a futuros colectores, aproveito esta oportunidade para apresentar uma relação bibliográfica de todas as obras que incluem versões do distrito de Castelo Branco. Não se contemplam, no entanto, obras que apenas reeditem as versões consignadas nestas edições.

A matéria presente neste volume está distribuída por sete capítulos. O I inclui “composições antigas de feição religiosa” — “os orações”, no masculino, como são localmente designadas. Trata-se de trinta espécimes tocando 15 temas fulcrais diferentes. Salvo a *Confissão de Nossa Senhora* (que é, como em praticamente todos os locais onde se recolha, de uma memorização quase sem variantes), as composições aglutinam sequências de diferentes romances e de algumas orações.

---

\* Centro de Tradições Populares Portuguesas “Prof. Manuel Viegas Guerreiro”. Faculdade de Letras. Alameda da Universidade. 1699 Lisboa codex. Portugal.

Constituem reportório do ciclo do Natal e do ciclo da Paixão, mas apontam sobretudo para o uso durante o segundo destes ciclos, pois eram recitadas ou cantadas no “tempo da Quaresma”, embora, curiosamente (como também conhecemos espécimes recolhidos no Alentejo), explanem, em concreto, toda a vida de Cristo. Ainda neste I capítulo, chama-nos a atenção o texto nº 9, *Na Santa Igreja de Roma*. Conta ele, enversado, sob uma figuração que ainda não nos tinha aparecido (na “Igreja de Roma” e com a presença do “Padre Santo”), a lenda ou moralidade da “Ira de Cristo” determinando o fim do Mundo pelo fogo, e ordenando o começo do incêndio com uma vela, depois de um ritual de missa, num sítio simbólico de morte, por meio de um intermediário simples (sacristão, pastor). Dá-se, porém, a intervenção da Virgem Maria, que faz suspender o extermínio e aconselha o arrependimento, a penitência e a recitação do rosário. Este símile repete-se em épocas de convulsão e crise no mundo cristão, sempre com estas características — veja-se a corrente escatológica e penitencial difundida na piedade popular pelos avisos das mensagens de Nossa Senhora de Fátima.

Os restantes capítulos da obra dão-nos um reportório de composições enversadas que compreende:

1 — Poesias de cariz ultra-romântico (de Soares de Passos, por exemplo) ou de finalidade pedagógica (de João de Deus, por exemplo) que se aprendiam nas festas escolares, muito activas antes da uniformização imposta pelos livros únicos do ensino primário sob o Estado Novo;

2 — Recitativos burlescos ou “picantes” que se produziam em sociedades recreativas, por exemplo, ou em lugares de convívio menos convencionais (“armazéns”, serões de vizinhos, etc.): por exemplo, as composições nºs 31 e 33, que correm por todo o país;

3 — Cantigas narrativas, muitas do fundo divulgado por cegos cantantes e vendedores de folhetos, e também património comum, sobretudo para sul do Douro, como, por exemplo, os nºs 53, 54, 55, 58 (romance, em quadras, de *A Mulher Aventura*), 59 (*Riquetina*), etc. São modelos de casos singulares que se tornam exemplos, dentro de uma axiologia da visão do mundo nos acidentes da condição humana comum.

As composições mais localistas (cantigas em quadras ou de tipo fado) são de função noticiosa, concreta, de uma determinada região, as freguesias da Cova da Beira, e glosam os temas universais de “choque” ou de “burlesco” da vida e da convivialidade: desastres, assassinatos passionais, adultérios consentidos, incesto, penas de amor que levam ao suicídio. Embora por vezes localizadas, são glosas que se encontram em toda a geografia da nossa estrutura cultural e do código existencial vigente até aos anos 60 / 70 (época que foi, por toda a parte, a da grande mutação das mentalidades), diferindo apenas os topónimos e onomásticos. Por exemplo, no meio predominantemente rural da minha infância, recordo-me de ter ouvido, como fado, um dos textos localistas desta obra (o nº 48, *A Operária Despedida*), canção urbana sobre um “caso” de defesa da honra feminina que se dá como passado na Covilhã. Nela se exprime a realidade do proletariado, sobretudo mulheres, nas fábricas de lanifícios daquela cidade, e se apresenta, sob o ponto de vista dos operários, a honra e dignidade da trabalhadora e a prepotência e a indignidade do superior hierárquico, num código de referências morais e pedagógicas:

[...]

Então o mestre disse à tecedeira:  
— Tu podes considerar-te despedida.  
Altiva, respondeu desta maneira:  
— Eu saio, mas saio de frente erguida!

Eu saio por não querer saciar  
O vício do infame e do bandido,  
Mas poderei dizer, por onde passar,  
Que não manchei a honra ao meu marido!

Oposta a esta estrita moralidade, a jocosa cantiga da adúltera impune (nº 35, *Ó Homem, Canta Comigo!*), cantiga de embalar da mulher de um “Domingos Ovelha” (ver a facécia no conto catalogado por Boggs com o nº \*1424) que manda mensagem ao amante, inoportuno naquele momento. Confronte-se com a versão de Malhadas, Duas Igrejas, incluída por Michel Giacometti no disco *Trás-os-Montes*, da *Música Regional Portuguesa* (Arquivos Sonoros Portugueses, 1960):<sup>1</sup>

— Ó homem, canta comigo E diz-me assim como eu digo: Ai, ai! Rã, rã! Rã, rã! Mas agora não!...	Cum róró pego no nino, Cum róró se vai dormindo, Ó róró, róró, qu’ agora no.
	[...]
Amanhã vou prò moinho, Se quiseres, vais ao caminho... Ai, ai! Rã, rã! Rã, rã! Mas agora não!...	(E) amanhana vou al molino, Se me queres algo salme al camino. Ó róró, róró, qu’ agora no.
[...]	Vai-te daí, cabeça de burro, Qu’ al pai del nino e observa tudo. Ó róró, róró, qu’ agora no.
Tenho o marido na cama, ‘Squeci-me de tirar o corno! Ai, ai! Rã, rã! Rã, rã! Mas agora não!...	Vai daí, cabeça de llama, Qu’ el pai del nino ya está na cama. Ó róró, róró, qu’ agora no.
[...]	[...]
O pai do menino Na cama se estende! Ai, ai! Rã, rã! Rã, rã! Mas agora não!...	(Malhadas, Duas Igrejas)

(Cova da Beira)

Para terminar, uma palavra ainda, para referir o contributo, nunca dispiciendo, que Maria da Ascensão Gonçalves Carvalho Rodrigues junta nesta obra para o conhecimento etnográfico e linguístico, contextualizante do património, do fundo

---

<sup>1</sup> Uma outra versão, também mirandesa, pode ler-se em António Maria Mourinho, *Cancioneiro Tradicional e Danças Populares Mirandesas*, I, Bragança, Escola Tipográfica de Bragança, 1984, nº 96, pp. 219-220.

socio-cultural da Cova da Beira, numa época histórica que se prolonga, como dissemos atrás, até aos anos 60/70. Trata-se, nas suas estruturas fundamentais, de uma longa faixa não só portuguesa mas, em certa medida, mediterrânica, que eu (nascida há 71 anos, filha de uma professora primária numa zona rural do Algarve, e pertencendo a uma família de agricultores auto-suficientes) conheci, vivi e de que já tenho dado testemunho.

Esperamos com todo o interesse os dois volumes ainda não saídos desta obra: o proveito que deles tiraremos será, como no caso dos já publicados, sem dúvida grande.